



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
NUCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA
OLHO D'ÁGUA DAS FLORES

TEREZA CAROLINA DOS SANTOS
MARIA DAS GRAÇAS ABREU DOS SANTOS
WILMA FEITOSA BATISTA

ATIVIDADES DE ORALIDADE EM UMA TURMA DO 1º ANO
DECORRENTES DA FORMAÇÃO NO PIBID

Maceió, 20 de setembro de 2018

TEREZA CAROLINA DOS SANTOS
MARIA DAS GRAÇAS ABREU DOS SANTOS
WILMA FEITOSA BATISTA

ATIVIDADES DE ORALIDADE EM UMA TURMA DO 1º ANO DECORRENTES
DA FORMAÇÃO NO PIBID

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante

Maceió, 20 de setembro de 2018

TEREZA CAROLINA DOS SANTOS
MARIA DAS GRAÇAS ABREU DOS SANTOS
WILMA FEITOSA BATISTA

ATIVIDADES DE ORALIDADE EM UMA TURMA DO 1º ANO
DECORRENTES DA FORMAÇÃO DO PIBID

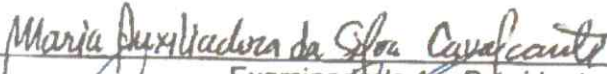
Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante

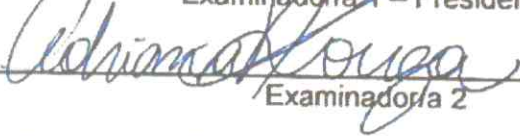
Apoio: PIBID/CAPES

Artigo Científico defendido e aprovado em 20/09/2018.


Comissão Examinadora



Examinador/a 1 – Presidente



Examinador/a 2



Examinador/a 3

Maceió, 20 de setembro de 2018

ATIVIDADES DE ORALIDADE EM UMA TURMA DO 1º ANO DECORRENTES DA FORMAÇÃO PIBID

Wilma Feitosa Batista¹

Maria das graças Abreu dos Santos²

Tereza Carolina dos Santos³

Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante⁴

RESUMO:

Este artigo analisa atividades propostas por uma docente de uma turma do 1º ano, dos anos iniciais, observando se tais atividades estão de acordo com os objetivos do eixo oralidade proposto por (BRASIL, 2012). Para a sua realização, observamos dez aulas de língua portuguesa. E após essa observação, foi entregue um questionário com 12 perguntas abertas e fechadas para a docente. Do ponto de vista teórico, tomamos por base Cagliari (2006), Brasil (1998, 2012), Geraldi (1996), Marcuschi (2001). Os resultados mostraram que a oralidade não é simplesmente saber falar, pois quando os alunos chegam no ambiente escolar trazem consigo os muitos usos da língua oral. Assim, os resultados reforçam que a oralidade é de fundamental importância na vida das pessoas. Nesse sentido, o processo educativo torna-se mais eficaz ao proporcionar a cada educando instigar e explorar a linguagem oral. Para isso, é necessário que o eixo oralidade seja difundido mais nas salas de aulas e que este atinja seus objetivos.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Oralidade, 2. Pibid, 3. Docente, 4. Sala de aula

¹ . Aluna concluinte do Curso de Pedagogia UAB/UFAL, do Polo de Olho d'Água das Flores-AL. E-mail: wilmafbatista@hotmail.com

² Aluna concluinte do Curso de Pedagogia UAB/UFAL, do Polo de Olho d'Água das Flores-AL
gracaabreu1258@gmail.com

³ Aluna concluinte do Curso de Pedagogia UAB/UFAL, do Polo de Olho d'Água das Flores-AL.
karolina_da@hotmail.com

⁴ *Orientadora do trabalho.* Graduação em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (1996), doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2001) e Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto-PT (2011). É professora associada IV da Universidade Federal de Alagoas (2002). Membro do Colegiado do Programa de Pós-Graduação da UFAL e dos Cursos de Graduação em Pedagogia presencial e à distância e do Curso de Letras. Coordenadora de área do PIBID Pedagogia/UAB/UFAL. Contato: auxiliadora.s.cavalcante@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema “atividades de oralidade em uma turma do 1º ano decorrentes da formação no Pibid” e pretende analisar se as atividades pela docente estão de acordo com o eixo da oralidade, compreendendo a importância da aquisição do uso da oralidade a partir de momentos de observação em uma turma de 1º ano.

De acordo com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa- Pnaic, no eixo oralidade “admite-se que não há uma dicotomia entre oralidade e escrita, seja do ponto de vista das práticas sociais, dos eventos nos quais ambas as práticas estão presentes e dos fenômenos linguísticos produzidos. A única distinção estrita entre essas duas modalidades é quanto ao meio de representação de cada uma delas: uma se apresenta por meio de sinais gráficos e outra por meio do som” (BRASIL, 2015, p.10).

Marcuschi (2007) mostra a necessidade de trabalhar a oralidade na sala de aula, visto que os discentes precisam e necessitam se expressarem de forma adequada nas variadas situações das esferas sociais de comunicação. Isso significa que não basta saber falar, pois quando eles chegam ao ambiente escolar já são falantes e ouvintes. No entanto, é preciso entender que da mesma forma que precisamos ensinar a escrever textos com coesão, coerência, adequação aos diversos usos comunicativos, a fala também têm conteúdos específicos, como o respeito aos turnos da fala e as variações linguísticas, essas que são particularidades de um povo, região, localização, meio social. Para Marcuschi (2007), “a oralidade é uma prática social de grande penetração”, pois antes mesmo da escrita, a fala já era manifestada.

No ciclo de alfabetização, a oralidade tem valor significativo, pois se for desenvolvida, o sujeito será um adulto com conhecimento para defender oralmente seus pontos de vista. Segundo os direitos de aprendizagem da língua portuguesa (BRASIL,2012), há várias dimensões no eixo oralidade que são a valorização dos textos de tradição oral, que foca a cultura popular como canções folclóricas, brincadeiras etc. Outra dimensão diz respeito à oralização do texto escrito, que pode ser realizada por meio da declamação de poemas, poesias, contos. No entanto, é necessário explicitar para os alunos que se trata de textos escritos, mas

que podem ser falados e que o ouvinte deve saber esperar a hora para opinar. A terceira dimensão aborda as relações entre fala e escrita, sobretudo, as características, podem escrever e falar o que foi escrito, dependendo do dialeto muda-se a pronúncia. A quarta dimensão a produção e compreensão de gêneros orais, a dimensão citada é importante para todos discentes participarem e ao professor tem o dever de incentivar tal prática e finalizando com relações entre oralidade e análise linguística que deve falar como se lê, obedecendo-se escrita.

De acordo com Cagliari (2006), um dos fatores principais no processo da alfabetização em séries iniciais é a oralidade, já que para uma boa desenvoltura é necessário que os discentes consigam decodificar a leitura através da fala presente em todo contexto alfabetizador.

A oralidade tem uma função primordial para a criança poder se expressar, destacando suas opiniões e expressões acrescentando a fala a escrita. O eixo da leitura está embasado com a oralidade na língua portuguesa formando bons leitores que possam interpretar o que está escrito.

A escolha em pesquisar as práticas de oralidade surgiu devido à necessidade de entender o porquê de as escolas priorizarem a escrita em detrimento da fala, pois quando esta é utilizada, quase sempre, é para tão somente a oralização dos textos escritos. Além disso, pretendemos saber se na sala de aula são contemplados os gêneros textuais orais ou não e, se forem, quais são. Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 27), “cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc”. É obrigação da instituição escolar mostrar meios aos aprendizes para que desenvolvam a oralidade, pois faz parte da vida escolar, pessoal e social. Para Geraldi (1996), a língua jamais poderá ser um produto finalizado, pois há variações em seus meios.

É através da língua que podemos perceber informações sobre algo ou alguém. Para Marcuschi (2001), a oralidade “é uma prática social para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal, nos mais variados contextos”.

Sabendo da relevância do tema proposto, viu-se a necessidade de observar os discentes e a docente, visando conhecer as estratégias que envolvam oralidade que são utilizadas pela profissional e como os estudantes estão assimilando esse processo em sua alfabetização. A sala de aula já é conhecida pelas graduandas, pois essa sala já é contemplada com o Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Sabendo que a oralidade é fundamental na vida de todas as pessoas e que elas já se comunicam entre si, porém quando chegam ao ambiente escolar há atividades que auxiliam o desenvolvimento oral dos discentes, então o 1º ano do ensino fundamental I foi escolhido porque faz parte do ciclo de alfabetização.

O embasamento teórico foi pautado nos estudos de Cagliari (2006), Brasil (1998), Geraldi (1996), Marcuschi (2001), Brasil (2012), Severino (2007) dentre outros que fizeram necessários para a realização deste trabalho.

2 APORTE TEÓRICO

A vivência da oralidade é primordial para se expressar bem, romper barreiras entre os interlocutores. E isso já acontece antes mesmo da criança ir para a escola. Ao ingressar na instituição escolar, ela vai se aprofundando no uso da fala e respeitando os turnos. “Então a importância da oralidade é essencial para a comunicação, pois hoje muitos alunos aprendem mais a partir do ouvir e isso se dá através da fala⁵.

Especificamente no primeiro ano do ensino fundamental as crianças querem expor suas ideias, experiências, vivências ao mesmo tempo, pois é uma necessidade que elas têm de se expressar, comunicar-se com seus pares. Mas ao mesmo tempo que isso é despertado pela a maioria, outros ficam reclusos. Por isso a roda de conversa é uma estratégia excepcional tanto para o professor mediador como para os pequenos. Visto que, é um momento de aproximação, escuta sensível e isso para os alunos passa confiança através das aprendizagens desenvolvidas e adquiridas por ambos, pois as peculiaridades são enriquecedoras.

⁵ V.M.S.S, Professora da turma do 1 ano do Ensino Fundamental I.

Tal prática é comum na educação infantil, mas que jamais deve ser perdida nas séries iniciais. Observe o que diz o RCNEI.

A roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências. Pode-se, na roda, contar fatos às crianças, descrever ações e promover uma aproximação com aspectos mais formais da linguagem por meio de situações como ler e contar histórias, cantar ou entoar canções, declamar poesias, dizer parlendas, textos de brincadeiras infantis etc. (BRASIL, 1998, p. 138).

A roda de conversa proporciona ao educando o desenvolvimento na comunicação oral, bem como, ampliar o seu aprendizado. Promover o diálogo entre professor e aluno na roda de conversa traz muita relevância no universo discursivo, estimulando a oralidade como também a escuta. A partir daí a criança vai aprender a ouvir e falar como também a manter interação entre aluno e professor.

Para Dias (2001, p. 36), “não se trata, simplesmente, de se ensinar a criança a falar, mas de desenvolver sua oralidade e saber lidar com ela nas mais diversas situações”. Diante disso, percebe-se que a oralidade não se limita apenas ao falar, porém, o professor deve instigar o aluno a falar, o docente tem que proporcionar situações em sala de aula que dê oportunidades explicitamente e trabalhe a linguagem oral. Isso vai desde um simples recado que você remete à criança que faça, a uma busca de materiais, a um reconto de história, canções e brincadeiras. Isso vai ajudar a criança a se aperfeiçoar na fala. Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Para a Educação Infantil diz que,

[...] quanto mais às crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, P.121).

Dessa forma o professor é um grande instrutor nesse processo de desenvolvimento em relação ao uso da linguagem, é papel do mesmo mediar interações, possibilitando, assim, meios em que as crianças falem com autenticidade. Mostra-se então, a necessidade que a criança precisa para expandir seu vocabulário, aprender a argumentar, falar de modo claro o que pensa, e expressar suas opiniões.

Visto que a fala é primordial a comunicação é de suma importância para as crianças, seja com o professor, colegas ou as pessoas na qual as rodeiam. É perceptível que mesmo não frequentando uma escola, a oralidade é manifestado espontaneamente, que é o caso das crianças pequenas que ainda não falam palavras. É a partir daí que vão reconhecer a importância da fala como principal veículo de manifestação de desejos e necessidades.

Ressaltando ainda a importância da oralidade para com as crianças, Dolz, Schneuwly e Haller (2004) enfatizam a relevância de expandir a oralidade, assim como a escrita tendo essa um destaque contextual amplificado, a fala é um gênero que deve ser trabalhado em sala de aula e fora dela também mostrando situações que as envolvam.

Bezerra (2010), destaca que os estudos adquiridos no ambiente escolar como forma de objeto no qual o aluno tem como objetivo construir o conhecimento com embasamento de gêneros textuais e didáticos. De acordo com Matêncio (2001), o ensino da leitura e escrita começou a ser direcionada como prática em aulas da disciplina de língua portuguesa.

Nesse sentido, Marcuschi (2012) propõe que as atividades relacionadas ao contexto sejam de forma inovadora e transformadora nas quais venham contribuir significativamente na contextualização em que se refere todo o conhecimento oral e escrito relacionado à língua e sua sistematização.

Milanez (1993) tem como consideração o fato de que quando a criança entra no ambiente escolar, já possui consigo a fala, por isso ele incentiva a oralidade, visto que essa habilidade deve ser propriamente voltada para um aperfeiçoamento e não como uma aprendizagem eficaz de maneira formal.

Para Bentes (2011), o ensino da oralidade deve ser diferenciado e incluso de acordo com a situação em que o aluno (sujeito) esteja inserido na sala de aula trabalhando suas vivências, questões públicas recorrente de seu cotidiano com cunho social de forma que esses temas possam trazer debates construtivos a fim de tornar reflexivo em tais práticas.

Os autores Dolz, Schneuwly e Haller (2004) compartilham a ideia de que a fala e a escrita usadas na escola dependem intermitente da escrita para ser usada em diferentes modos. Os autores também propõem o uso de gêneros orais para

que assim possam ter uma maior desenvoltura em diferentes situações de linguagem de comunicação.

Cavalcante e Melo (2006) consideram que ao ressaltar o uso da oralidade em sala de aula aconteça uma descoberta na identificação do uso da língua podendo contextualizar diversos contextos com uma ampla utilização de atividades sistemáticas com diferentes sujeitos.

Ainda ressaltando o uso da oralidade, Dolz, Schneuwly e Haller (2004) admitem que os gêneros da oralidade precisam de uma preparação de concepções independentes que possam vir a surgir o uso da linguagem de maneira independente buscando unir uma apropriação com características de articulação no contexto.

Dessa forma o uso da oralidade na escola possibilita a capacidade de obter uma mediação entre professor e aluno com perspectivas como forma de linguagem oral, realizando uma diversidade concreta da língua oral, facilitando o desenvolvimento na aprendizagem, respeitando sempre o planejamento com percepção de valores culturais em que estão inseridos, havendo assim uma consciência de espaços formais ou improvisados a serem definidos por uma dialética para a construção de um conhecimento, contribuindo assim com as relações da gramática oral e escrita, Milanez (1993).

Os seis Direitos de Aprendizagem de língua portuguesa (BRASIL, 2012. P. 36-39) assegura, sobretudo ao discente meios de tornarem-se “leitores e produtores de textos orais e escritos, falantes e ouvintes”.

I. Falar, ouvir, ler e escrever textos, em diversas situações de uso da língua portuguesa, que atendam a diferentes finalidades, que tratem de variados temas e que sejam compostos por formas relacionadas aos propósitos em questão.

II. Falar, ouvir, ler e escrever textos que propiciem a reflexão sobre valores e comportamentos sociais, participando de situações de combate aos preconceitos e atitudes discriminatórias: preconceito de raça, de gênero, preconceito a grupos sexuais, a povos indígenas, preconceito linguístico, dentre outros.

III. Apreciar e compreender textos falados e escritos do universo literário, como contos, fábulas, poemas, dentre outros.

IV. Apreciar e usar, em diversas situações, os gêneros literários do patrimônio cultural da infância, como parlendas, cantigas, trava línguas, dentre outros (BRASIL, 2012. p. 37-38).

V. Falar, ouvir, ler e escrever textos relativos à divulgação do saber escolar/ científico, como verbetes de enciclopédia, verbetes de dicionário, resumos, dentre outros, e textos destinados à organização do cotidiano

escolar e não escolar, como agendas, cronogramas, calendários, dentre outros.

VI. Participar de situações de fala, escuta, leitura e escrita de textos destinados à reflexão e discussão acerca de temas sociais importantes, por meio de reportagens, artigos de opinião, cartas de leitores, dentre outros.

Assim abordando a oralidade como fator essencial na interação do indivíduo como o seu meio, destaca-se os direitos de aprendizagem III e IV que toca de maneira proposital no eixo oralidade. O professor tem papel fundamental na vida dos discentes. Desse modo, é necessário que o professor contemple atividades e situações em que a oralidade seja trabalhada, para que, assim, os direitos da aprendizagem sejam concretizados, uma vez que o docente é um mediador. Trabalhando a oralidade desde os anos iniciais, os estudantes ampliam as habilidades de falar, e dessa forma, ficam mais aptos a situações que necessitam do uso da linguagem formal, caso precisem debater algum tema em questão sabem questionar, ou seja, sabem expor seus argumentos e respeita sempre o turno de fala.

Quadro com os objetivos de aprendizagem do eixo oralidade (BRASIL, 2012. P. 46).

| EIXO ESTRUTURANTE ORALIDADE Objetivos de Aprendizagem | 1º Ano | 2º Ano | 3º Ano |
|--|-------------------------|-------------------------|-------------------------|
| Participar de interações orais em sala de aula, questionando, sugerindo, argumentando e respeitando os turnos da fala. | I/A | A/C | C |
| Escutar, com atenção, textos de diferentes gêneros, sobretudo os mais formais, comuns em situações públicas, analisando-os criticamente. | I/A | A/C | A/C |
| Planejar intervenções orais em situações públicas: exposição oral, debate, contação de histórias. | I | A/C | C |
| Produzir textos orais de diferentes gêneros, com diferentes propósitos, sobretudo os mais formais, comuns em instâncias públicas (debates, entrevista, exposição, notícia, propaganda, dentre outros). | I | I/A | A/C |

| | | | |
|--|-------|-----|-----|
| Analisar a pertinência e a consistência de textos orais, considerando as finalidades e características dos gêneros. | I | A | A/C |
| Reconhecer a diversidade linguística, valorizando as diferenças culturais entre variedades regionais, sociais, de faixa etária, de gêneros, dentre outras. | I | A | A/C |
| Relacionar fala e escrita, tendo em vista a apropriação do sistema de escrita, as variantes linguísticas e os diferentes gêneros textuais. | I | A | C |
| Valorizar os textos de tradição oral, reconhecendo-os como manifestações culturais. | I/A/C | A/C | A/C |
| LEGENDA: I- Introduzir; A- Aprofundar; C – Consolidar | | | |

3 ASPECTOS METODOÓLOGICOS

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Essa pesquisa caracteriza-se como de cunho qualitativa, pois para se concretizar foi realizada observações nas aulas de Língua Portuguesa durante cinco dias e aplicação de um questionário respondido pela docente. Para Severino (2007, p. 125), a observação “é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados”.

A observação foi realizada em uma escola municipal de educação básica, em uma turma do 1º ano do ensino fundamental I, do turno vespertino. Vale lembrar que a referida escola se encontra na zona urbana desse município, sendo de fácil acesso para a clientela.

A escola foi fundada no dia 30 de dezembro de 1994, na gestão do Prefeito Humberto dos Anjos, sob a Lei Municipal nº 11274/2006. Conta com 31 funcionários, sendo que 10 são os professores, 4 cuidadores, 1 articuladora do Mais Educação, 04 monitores do Mais Educação, 4 vigias, 1 coordenadora, 1 diretora, 1 vice-diretora, 1 secretária, 1 auxiliar administrativo, 4 merendeiras e 4 auxiliares de serviços gerais. A instituição tem como mantenedora a Prefeitura Municipal de Olho d’Água das Flores- AL.

A escola oferta a modalidade de ensino fundamental, 1º ao 5º ano e o Mais Educação. Os períodos são divididos por semestres. Funciona em dois turnos, no turno matutino: no 1º ano “A” estudam 27 alunos, 2º ano “A” estudam 28 alunos, 3º ano “A” estudam 28 alunos, 4º ano estudam 46 alunos, 5º ano “A” estudam 42 alunos; vespertino: 1º ano “B” 25 alunos, 2º ano “B” 19 alunos, 3º ano “B” 31 alunos, 5º ano “B” 39 alunos, no total de 285 alunos. O Mais Educação funciona de segunda a sexta para os discentes que precisam de reforço e também praticam atividades relacionadas ao esporte, então os alunos que estudam no matutino vêm para o Mais Educação no turno vespertino e vice-versa.

3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos desta pesquisa foram 24 discentes, sendo 12 meninos e 12 meninas com idade entre 6 e 8 anos. Existem alunos que nunca frequentaram escola. A docente também foi observada, visto que a professora é a regente da sala. Os aprendizes são carentes, em sua maioria de bairros periféricos da cidade. Necessitando de afeto, lazer, saúde, alimentação, respeito e compreensão. Os pais em sua maioria, não são alfabetizados, sobrevivem de programas do governo e trabalhos informais.

A docente V.M.S.S de 43 anos de idade, com formação em Magistério, Pedagogia, Pós-Graduação em Psicopedagogia. Atua na educação há 13 anos.

3.3 OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Os instrumentos utilizados para a pesquisa foi um questionário e observação, pois foi importante para saber o que a professora sabe sobre a oralidade e se pratica na sala de aula e as formas de oralidade que ela utiliza.

O primeiro passo para a elaboração desse artigo foi o estudo sobre a temática abordada e em seguida com a permissão da gestão da escola e aceitação da professora. Foram observados cinco dias de aulas de língua portuguesa que totalizou em 10 aulas.

4 ANÁLISES DE DADOS

A sala de aula é o lugar propício para averiguação da prática de oralidade, assim os objetivos do eixo estruturante oralidade corresponde a (08) eixos. Sendo (06) eixos para introduzir, (02) eixos para introduzir e aprofundar e (01) eixo para introduzir, aprofundar e consolidar.

A sala observada já é conhecida, porque durante o ano de 2017 a turma foi contemplada com o Pibid, e desenvolvíamos atividades dois dias por semana. A turma é indisciplinada, porém a professora é muito dinâmica e suas aulas são lúdicas. Mas como tínhamos o anseio de saber se ela trabalhava de forma sistemática o eixo oralidade e como isso acontecia. Elaboramos e aplicamos um questionário com a docente, após as observações das, para que nossos questionamentos não pudessem influenciar suas aulas.

Durante as observações, chegávamos antes dos discentes entrarem na sala e ficávamos sentadas na última fileira. O que foi notado é que toda vez a sala estava organizada por filas, mas quando a docente chegava organizava de acordo com a atividade do dia. Em seguida ela fazia a roda de conversa. Essa rotina foi observada em todas as aulas que estávamos em sala.

Ao longo dos cinco dias (10 aulas) de observação, a docente desenvolveu diversas atividades que contemplam o eixo oralidade, dentre as quais: contação de história, musicalização, debates, parlendas, adivinhas.

Para desenvolver essas atividades, a docente organizava um círculo, fazia a acolhida e oração de agradecimento, ainda no círculo iniciava a roda de conversa e na mesma ela começava a instigar a oralidade de cada criança individualmente, perguntando as novidades do final de semana ou do dia. E cada criança relatava suas vivências e aqueles que se negavam a falar ela fazia perguntas. Em seguida, ela mostrava o livro e ia instigando os alunos a partir da exploração da capa, do nome do autor e o que possivelmente haveria dentro do livro. Depois de passar um tempo debatendo sobre os elementos instigadores, ela começava a história. E à medida que ia narrando também fazia perguntas aos alunos, para que estes não perdessem o foco da história. Após a finalização da história ela cantava uma música que tinha relação com a história. Com a música ela trabalhava os gestos, corpo e o movimento. Também observamos os debates nos momentos das rodas de conversa, quando as crianças discutiam entre elas a história contada.

Outro gênero que faz parte do eixo oralidade é a parlenda, que foi introduzida também na roda de conversa. Para isso, a docente leu e alunos montaram, com auxílio da professora, e depois leram em voz alta. Para o trabalho com o gênero adivinhas, a educadora levou vários exemplares e os distribuiu em classe. Em seguida fez perguntas sobre as adivinhas e eles responderam. Vale ressaltar que no momento das perguntas se instaurava na classe um grande alvoroço, pois todos queriam acertar, mas ela explicava que para responder corretamente tinha que prestar atenção.

Com base nas observações, também foi possível constatar que a professora praticava várias atividades descritas no eixo oralidade, principalmente a ferramenta roda de conversa, que instiga a linguagem oral. Na roda de conversa, os alunos se expressavam melhor, mesmo a sala sendo indisciplinada, colocavam seus pontos de vistas e interagiam uns com os outros. Era de fato um momento rico, do ponto de vista do trabalho pedagógico.

A professora valorizava a rodinha de conversa para que a linguagem oral fosse disseminada, inclusive de forma lúdica. Especificamente no primeiro ano do ensino fundamental, quando as crianças querem expor suas ideias, experiências, vivências ao mesmo tempo, pois é uma necessidade que elas têm de se expressar, comunicar-se com seus pares. Mas ao mesmo tempo que isso é despertado por a grande maioria dos alunos, outros ficam reclusos, calados, fechados, praticamente mudos. Por isso, a roda de conversa é uma estratégia excepcional tanto para o professor mediador como para os pequenos.

A docente trabalhou uma parlenda e adivinhações. A parlenda foi para os discentes recitarem e colocar o texto em ordem. Já nas adivinhações ela perguntava e os alunos tentavam adivinhar. Para finalizar a atividade, a regente dividiu a sala em dois grupos para um fazer campeonato de adivinhações, onde alunos falavam as adivinhações que conheciam para o grupo correspondente. Essa atividade oportunizou aos alunos a falarem, respeitarem o turno de fala, bem como expressar a sua regionalização e cultura estando de acordo com o 8º objetivo da oralidade: “Valorizar os textos de tradição oral, reconhecendo-os como manifestações culturais (BRASIL, 2012, p. 46).

Com base nos referenciais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 120-121), constata-se que a roda de conversa pode ser um momento muito produtivo e

interessante para atividades de diálogo e intercâmbio, possibilitando ampliar as capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, inclusive incluir em seu léxico novos vocábulos e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem.

O que se observa é que, para se trabalhar a relação entre a linguagem oral e a linguagem escrita, os alunos precisam saber as diferenças entre ambas, pois é fundamental para que o desenvolvimento da aprendizagem significativa, ou seja, quando acontece essa simetria os discentes vão ter êxito nas suas atividades e conseqüentemente essa prática irá fazer parte da sua vida como sujeito autônomo.

É fundamental, portanto, que os alunos percebam as semelhanças entre alguns gêneros orais e escritos, tais como, entre o conto oral e o conto escrito; entre as instruções de jogos escritas e as instruções orais sobre como jogar; entre as reclamações orais e as cartas de reclamação, entre outros. É importante, também, reconhecer que, na produção de alguns gêneros escritos, são recolhidos fragmentos de textos produzidos oralmente, como nas notícias e reportagens (LEAL E GOIS, 2012, p. 19):

A linguagem oral é essencial na vida do ser humano e a escola é o caminho que auxilia essa prática, mesmo o discente fazendo o uso da oralidade em seu contexto familiar, a instituição deve aperfeiçoar para que o aluno saiba se expressar. Marcuschi (2001, p. 10) afirma que “diariamente operamos com a língua em condições e contextos os mais variados e, quando devidamente letrados, passamos do oral para o escrito ou do escrito para o oral com naturalidade”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal analisar as atividades propostas por uma docente de uma turma de 1º ano B, com 24 alunos, da faixa de 6 a 8 anos. Com isso, observar se tais propostas contemplam ou não o eixo a oralidade (BRASIL, 2012).

A partir dos momentos de observação, constatamos que o eixo oralidade foi trabalhado pela docente, utilizando diversos gêneros, como: parlendas, adivinhas, debates, entre outros. Também presenciamos que a docente utilizava da roda de conversa para abordar os temas relacionados à oralidade.

Os resultados também reforçam que a oralidade é de fundamental importância na vida das pessoas. Nesse sentido, o processo educativo se torna mais eficaz ao proporcionar a cada educando instigar e explorar a linguagem oral. Para isso, é necessário que o eixo oralidade seja difundido mais nas salas de aulas e que este atinja seus objetivos.

Com base nesta pesquisa, compreendemos que a escola e o meio são ambientes propícios para desenvolver e ampliar os diversos usos da fala. Durante os dias de observações, foi constatado que a docente faz o uso do eixo oralidade nas atividades propostas em sala, ela é dinâmica, envolve os discentes nas atividades e faz com que os alunos correspondam. Uma ferramenta corriqueira praticada pela docente é a roda de conversa para iniciar aula, fazendo com que as crianças participem com entusiasmo.

REFERÊNCIAS

BENTES, A. C. Oralidade, política e direitos humanos. In: ELIAS, V. M. (org.) **Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 41-54.

BEZERRA, M. A. **Ensino de língua portuguesa e contextos teóricos metodológicos**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010, p. 39-49.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 3.**

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.**

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização**. Caderno 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. — Brasília: MEC, SEB, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília. 1997.**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEB, 1998.

BRASIL. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º E 3º ANOS) do ensino fundamental**. Direitos e objetivos de aprendizagem por área de conhecimento e componente curricular língua portuguesa. Brasília. 2012, p. 35-58.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e Linguística**. 10ª ed. São Paulo: Editora Scipione. 2006.

CAVALCANTE, M.; MELO, C. T. V. de. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 181-1998.

CRESCITELLI, M. C.; REIS, A. S. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, V. M. (org.) **Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 29-40.

DIAS, Ana Maria Lorio. **Ensino da linguagem no Currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p.125-155. DIAS, Ana Maria Lorio. **Ensino da linguagem no currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 125-155.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino: exercício de militância e divulgação**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: associação de Leitura do Brasil, 1996.

LEAL, T. F; GOIS, S. **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MARCUSCHI, B.; CAVALCANTE, M. B. **Esclarecendo o trabalho com a oralidade: uma proposta didática**. In: A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 95-114.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MATENCIO, M. L. M. **Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da relação professor-alunos**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MILANEZ, W. **Pedagogia do oral: Condições e perspectivas para sua aplicação no português**. Campinas: Sama, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. - 23 ed. rev, e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.